

Apresentação

Angelina Bulcão Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, AB. Apresentação. In: *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 21-28. ISBN 978-85-232-0907-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Este livro é um recorte de uma tese de doutorado, que defendi na Faculdade de Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia, em 23 de setembro de 2004, intitulada *Entre o prazer e o mal-estar: prazeres sensoriais x sacrifícios em nome da saúde e da estética corporal focalizados pela revista Veja*. A tese foi aprovada por uma banca composta por cinco professores doutores: o orientador da tese, prof. Dr. Antonio Fernando Guerreiro, (História-FCH-UFBA); prof. Dr. Edivaldo Couto (Filosofia-FCH-UFBA); prof. Dr. Antônio Marcos Chaves (Psicologia-FCH-UFBA); prof. Dr. Marcos Palácios (Comunicação-UFBA) e prof. Dr. José Carlos Ribeiro (Comunicação-FTC).

Meu interesse em articular dois campos de estudo — Comunicação e Psicologia, despertou-me a idéia de pesquisar as formas prazerosas contemporâneas, com destaque para o prazer de comer, como uma das maneiras de driblar ou escapar do mal-estar na cultura.

Além de estar associada à qualidade de vida, condição de saúde e beleza, a alimentação tem despertado o interesse acadêmico, resultando em número crescente de publicações sobre os hábitos alimentares e os rituais a eles relacionados. Presentes nos momentos mais marcantes da vida em sociedade, estes hábitos e rituais permitem compreender melhor padrões de culturas e mentalidades como instrumentos de comunicação, metáforas de afeto, necessidades de pertencer, expressão de identidade.

Na última década do século XX, a comida abriu portas para novos desejos, profissões, objetos de consumo, formas de relacionamentos, cerimônias de agregação, obras literárias e cinematográficas. Tornou-se cada vez mais evidente que, sob o domínio da linguagem, o comportamento de se alimentar extrapola o âmbito da necessidade e da nutrição.

Tal comportamento me pareceu motivo, a um só tempo, de prazer e de sofrimento, em uma época em que a supervalorização da aparência física exhibe características religiosas, tornando a obesidade um pecado capital e a dieta uma forma de expiação.

A quantidade de matérias publicadas em todos os tipos de revistas, jornais, e em programas de TV, pregando os cuidados do corpo, saúde, dietas chamou-me a atenção. Paradoxalmen-

te, o estímulo à gulodice vem sendo tema recorrente na imprensa falada e escrita que constantemente divulga receitas, restaurantes, viagens gastronômicas, e objetos de conforto, estes últimos concorrendo para a vida sedentária.

Foi possível perceber, através do discurso das pessoas que havia entrevistado em uma outra pesquisa¹, indícios de que muitos dos comportamentos, conflitos e prazeres dos tempos atuais tinham relação com a aparência física, e haviam sido, em parte, adquiridos através de informações e/ou estímulos dos meios de comunicação — reportagens, novelas, noticiários televisivos, entre outros. Vida saudável, corpo canônico e os comportamentos exigidos para obtê-los se mostravam amarrados, não só a exercícios físicos, mas aos alimentos que adquiriram características de remédios, pecados, perigos.

Os depoimentos obtidos em minhas investigações sugeriam a existência de sintomas inéditos do mal-estar experimentado pelo homem do século XX: anorexia nervosa, bulimia, tanorexia (dependência física ao bronzamento artificial), lipofobia (fobia de gordura), corporalismo — termo usado por Maffesoli para designar a preocupação obsessiva com a aparência física, a saúde, a alimentação e a prática exagerada de exercícios²; e da corpolatria — termo que designa as características de religiosidade, alienantes e narcísicas que adquirem os excessivos cuidados com o corpo³. Alguns desses sintomas revelam um aspecto mortífero do prazer, capaz de destruir

Observei também que a obsessão pelo corpo, uma compulsão pós-moderna, tem atingido pessoas de várias gerações na última década, e cuja apresentação sintomática conjuga prazer e sofrimento, isto é, aquilo que a psicanálise e outros discursos contemporâneos denominam GOZO, e que Freud já havia detectado como o mal-estar na civilização.

Essas considerações me levaram a formular o problema que orientou a referida tese. Fui instigada a pesquisar como os meios de comunicação informam e estimulam alternativas para o corpo obter satisfação, abrindo caminhos para novas experiências sensoriais — saborear, cheirar, tocar, ouvir, ver, — que resultam em novos relacionamentos e novas formas de consumo, bem como estratégias para lidar com o mal-estar e o bem-estar. E também como as proibições, apresentadas e incitadas permanentemente pela mídia, propiciam conflito entre o prazer e a culpa de comer.

Para melhor aprofundar o assunto, busquei na literatura psicanalítica alguns conceitos que, articulados com a comida, o corporalismo e a mídia, me ajudaram a compreender melhor

alguns de seus aspectos. PRAZER, GOZO, DESEJO, serviram de suporte teórico ao trabalho.

Como não sou convertida à prática psicanalítica, sendo apenas “simpatizante” da teoria que sustenta a psicanálise, não selei com ela o compromisso que outorga o título e o exercício da profissão e, assim, sinto-me livre para ousar levantar questões que os militantes da causa freudiana ou lacaniana poderiam taxar de heresias.

Apelei também para o conceito de MENTALIDADE que inclui o conjunto de concepções, crenças e valores, comuns aos membros de uma determinada cultura, constituindo o que se costuma chamar “imaginário social”⁴.

O estudo das mentalidades tem sido enriquecido pela publicação de livros que, além de revelar truques e mistérios da cozinha, divulgam histórias motivadas pelo prazer de comer. As receitas de família, relatos de viagens, vivências de *chefs*, e celebridades resgatam a memória de cidades e gerações que, sem o pretexto da culinária, poderiam ter-se apagado para sempre.

ROTEIRO

Neste livro, dei especial ênfase ao prazer de comer e de beber.

Inicialmente discorri sobre o paladar e, em seguida, sobre os diversos aspectos da alimentação: sociais, literários, simbólicos, religiosos, sexuais, artísticos, sua relação com a política, arte, filosofia, o consumo.

A estreita sintonia do prazer com os órgãos sensoriais, cuja sede é o corpo, levou-me a enfocá-lo, embora sucintamente, e destacar sua importância em tempos que a aparência física é cultuada. Citei as mudanças da concepção da corporalidade sagrada e profana, e suas conseqüências, abordando comportamentos motivados pelo fenômeno do corporalismo e da corpolatria, tais como a obediência à moda, o apelo exagerado aos produtos de beleza e cirurgias estéticas, a prática compulsiva de exercícios físicos e dietas.

Discuti os “dogmas” pós-modernos relativos ao culto à saúde e à estética corporal, assim como destaquei os vínculos existentes entre alimentação, saúde e doenças (alimentos recomendados, condenados, distúrbios alimentares: obesidade e anorexia) e sobre os vínculos entre beleza e saúde (cosméticos, ginástica, regimes, operações plásticas).

Apontei algumas maneiras como se manifesta o mal-estar da cultura contemporânea, especialmente em relação à alimentação, ao corpo, às contradições da Medicina e Dietética que provocam conflitos. Objetivando identificar as condições propiciadoras do prazer e do desprazer na contemporaneidade, tracei um resumido panorama da época pós-moderna, destacando mudanças de comportamentos, costumes, hábitos e valores, conseqüências do neoindividualismo manifesto na trilogia: hedonismo, narcisismo e consumismo. Condições propiciadoras referem-se às condições que favorecem, mas não necessariamente garantem, certas conseqüências comportamentais.

O termo MAL-ESTAR foi teorizado por Freud e intitula um de seus trabalhos mais famosos publicado em 1930. Na linguagem psicanalítica, é utilizado para referir-se a problemas que acometem o ser falante, conseqüentes do combate travado entre as exigências feitas ao homem civilizado e suas demandas pulsionais, e também da cumplicidade de uma pulsão destrutiva com a lei interna que regula as ações humanas. Por ser inerente à condição humana, o mal-estar insiste em repetir-se, sendo um fenômeno universalmente válido para todas as épocas. Mudam apenas suas manifestações, refletindo as transformações de cada época, pois suas principais causas, a saber, a degradação do corpo, os caprichos da natureza e os impasses dos relacionamentos interpessoais continuam desafiando o homem.

Considerando que os sintomas do mal-estar não são objeto de estudo exclusivo da psicanálise, focalizei o termo de forma abrangente: ansiedades indefinidas, inquietação, situações incômodas, constrangimentos, sensação de desamparo e impotência experimentados na vida cotidiana, resultantes de demandas impossíveis de serem atendidas, exigências contraditórias, frustrações impostas pela sociedade que caracterizam a condição humana.

Defendo que as informações sobre formas contemporâneas de prazer indicam as alternativas das quais dispõe o leitor para neutralizar o mal-estar da cultura.

Admitindo a estreita relação entre prazer e sofrimento que, para o senso comum são termos contraditórios, busquei apoio na teoria psicanalítica para abordar sumariamente os elos entre ambos, assim como os elos entre o prazer e o desejo, levando em consideração as origens comuns destes dois conceitos vinculados ao alimentar-se que, por sua vez, consiste em uma forma de consumir.

A busca compulsiva da felicidade, apontada como uma das características pós-modernas, e o mais-além do prazer, o GOZO,

que leva ao sofrimento e/ou à morte, foram enfocados em sua relação com os excessos.

Pus em discussão alguns comportamentos caracterizados pela compulsão que guardam semelhanças com os chamados “vícios” por gerarem, como eles, dependência. O prazer encontrado no sofrimento físico, mediante mutilações e buscas de situações de riscos não foram ignorados.

Levantei a possibilidade da influência da mídia no prazer de comer, condicionados e estimulados pelos meios de comunicação, mediante informações, — estimulação direta: notícias e publicidade — e indireta: exemplos de pessoas bem-sucedidas.

As leituras teóricas me conduziram a trilhar vários caminhos — e aqui vale a pena frisar que, muitos dos livros e artigos lidos e consultados, por não terem sido citados no corpo do trabalho, não constam das Referências.

SOBRE A TESE QUE DEU ORIGEM AO LIVRO

Em seu texto *Mal-estar na Civilização* (1930), Freud tematiza e descreve as dificuldades de o ser humano ser pulsional por excelência, viver em sociedade. O hiato inexorável entre os seus desejos e aquilo que ele realmente pode realizar é colocado como fonte permanente de conflito psíquico. A vida em sociedade implica soluções de compromisso, adiamentos e transformações de desejos. É sabido que cada época traz seus próprios modos particulares de driblar esse mal-estar inerente à civilização.

Considerando que uma das marcas da contemporaneidade é a influência e importância que a mídia desempenha em nossas vidas, decidimos tomá-la ao mesmo tempo como tema e guia.

Como guia, recorreremos à sua ajuda para detectar e selecionar algumas das principais formas que a sociedade atual encontrou para lidar com o mal-estar.

Como tema, analisamos o papel algo “esquizofrenizante” que a própria mídia desempenha ao se constituir, simultaneamente, como gerador ou propiciador de formas de combate ao mal-estar e fonte, ela mesma, de mal-estar, seja direta ou indiretamente.

Pela importância do espaço crescente que a mídia vem a isso dedicando, elegemos determinadas questões relacionadas ao corpo e à comida como centrais no nosso trabalho. Essas

questões abrangem desde o corpo como sede dos chamados “prazeres da boca” até o corpo como sede das preocupações estéticas e com a saúde.

Tais questões são tão relevantes quanto complexas, especialmente se levarmos em conta o antagonismo entre os primeiros e as segundas: a mídia que revela e estimula o consumo das inúmeras delícias da mesa é a mesma que apavora ao revelar os não menos inúmeros males que um possível excesso pode causar. Males do corpo e da mente. Pois às ameaças de doenças cardiovasculares, diabetes e, até mesmo, morte precoce, se juntam àquelas de rejeição social ou desconforto a quem não possui um “corpo perfeito”.

Devido ao contraste entre a abundância e diversidade dos veículos de comunicação, decidimos focar nossas atenções (a) num veículo específico de comunicação e (b) numa época determinada, a saber, a contemporaneidade — esta exemplificada nos dois anos imediatamente prévios à virada do milênio e o ano posterior.

O *corpus* do estudo consistiu em 152 exemplares veiculados entre janeiro de 1999 e dezembro de 2001 da revista *Veja*. Esta foi escolhida como objeto privilegiado de pesquisa e análise devido à sua grande circulação nacional e, por conseguinte, presumida força na formação de opinião pública.

A leitura da bibliografia e a análise do material pesquisado levou-me a defender que as reportagens publicadas em *Veja*, durante três anos, têm o valor de documento como têm os diários, cartas, e similares, que auxiliam a construção do perfil de uma época, na medida em que divulgam comportamentos, hábitos alimentares, modas, rituais, modismos, depoimentos de anônimos e famosos, entre outros. Através deles é possível obter um panorama do mal-estar contemporâneo na virada do século, das formas usadas para neutralizá-lo e suas repercussões nas mentalidades.

Por conseguinte, considerei que uma revista informativa e de variedades como a *Veja* poderia dar uma contribuição para a História Das Mentalidades ao informar sobre formas de prazer e sintomas de mal-estar em uma determinada cultura, em um determinado momento histórico.

A opção pelo período correspondente à transição do milênio foi motivada pelo imaginário relativo a transformações significativas, melhorias ansiadas, ou tragédias temidas, em geral estimulado com as viradas de décadas e de séculos.

Nas edições publicadas dos anos eleitos, selecionei e resumi as informações, os estímulos explícitos ou implícitos, os aler-

tas, os conselhos veiculados em cada uma das reportagens dos 152 exemplares em que foram abordados os comportamentos marcantes do momento histórico pesquisado, bem como os comportamentos relativos aos prazeres sensoriais, ao mal-estar na cultura e temas a eles relacionados.

Procurei, assim, identificar as condições propiciadoras que levassem o leitor à prática de novas experiências de satisfação, explícitas ou implícitas nas matérias publicadas.

Além da consulta à revista *Veja*, como material complementar, incluí algumas entrevistas, tendo como único objetivo apresentar exemplos através de testemunhos. Foram utilizados depoimentos de pessoas de ambos os sexos e de várias gerações, segundo o método intitulado por Gilberto Velho de “pesquisa diálogo”, e que consiste em obter dados através de entrevistas, relatos de histórias de vida, diários e cartas.

Opetei por realizar uma pesquisa descritiva. Este tipo de pesquisa se interessa em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los.

Neste percurso, o improvável me desafiou sob as mais diversas e inesperadas formas. Essa luta insana é mencionada como uma maneira de mostrar que o PRAZER, o DESEJO, o GOZO, o MAL-ESTAR estão também presentes em um trabalho acadêmico.

Falar sobre uma tese é, portanto, falar do desejo que está sempre deslizando para novos objetos, está sempre insatisfeito, querendo recomeçar. É falar do prazer de ler, de escrever, de descobrir fatos novos, de trocar idéias. É falar do prazer do trabalho, cujo aspecto criativo tantas vezes nos é roubado. E que muitas vezes se transforma em gozo. Haveria outra palavra senão o “gozo” para explicar a paixão de Michelangelo trancado 54 meses na capela Sistina, ou a de Palissy que queimava assoalhos e móveis para cozinhar sua argila? Diante desses exemplos, o esforço despendido em uma tese empalidece...

O mal-estar se manifesta quando, por exemplo, brincamos de picula com o tempo, que também *devora*, e quando esbarramos nas tradicionais exigências acadêmicas. Exasperam/desesperam as infinitas correções, para obedecer regras que roubam o tempo de estudo e leituras. Quando se quer afirmar singularidades, estilo, idéias, em geral se tropeça em imposições à uniformidade, publicadas em manuais, e prescrições consideradas fundamentais no mundo acadêmico.

Por isso, neste livro, rompi com algumas regras, inescapáveis na tese que lhe deu origem, com o objetivo de não cansar o leitor com interrupções constantes de indicações de nomes e

páginas, e os remeti às Notas. Ousei, portanto, escrever sob minha conta e risco, desafiando possíveis críticas academicistas.

NOTAS

¹ Entrevistas realizadas de 1998 a 2002, por nós e por alunos do curso de Psicologia da UFBA, sob nossa supervisão, para as aulas práticas da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II, pela qual fomos responsáveis durante os anos 1977-1980 e 1986-2003. A pesquisa resultou em um livro de nossa autoria intitulado *Trajatória da Juventude Brasileira – dos anos 50 ao final do século*, co-editado pela EDUFBA e Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

² OUTHWAITE & BOTTOMORE *et al.*, 1996, p. 747.

³ O tema foi focado em livro assinado por Codo & Senne, 1986.

⁴ A História das Mentalidades consiste em uma forma diferenciada de fazer História, valorizando a opinião e experiência das pessoas comuns, estuda temas tais como a infância, a mulher, a família, a sexualidade, o corpo, rituais e formas de beber, comer e saudar, a saúde e as doenças, a festa, os mitos, a religião popular, assim como atitudes em relação ao amor, ao medo e à morte. Tem por principal objetivo investigar e analisar as estruturas mentais que dominam cada período histórico. Nesta perspectiva, o que acontece no dia-a-dia, as mudanças ou acontecimentos significativos são articulados entre si, com o objetivo de descobrir como certos eventos — o modismo de malhar por exemplo —, penetram ou atingem a vida das pessoas. Consideradas representações sociais, as mentalidades são identificadas através das conversas, encontradas nas religiões, ideologias, instituições, ruas, canais informais de comunicação social, movimentos sociais, atos de resistência, e nos meios de comunicação de massa. São construídas nos encontros entre as pessoas, quando elas trocam idéias, atualizam velhas crenças ou criam novas. São veiculadas pelos canais informais ou formais de comunicação, através dos quais as opiniões se uniformizam, os mitos são forjados e o poder é exercido. São interiorizadas no curso do desenvolvimento humano através dos agentes de socialização — pais, professores, das tradições orais como as lendas, estórias de fadas, provérbios que atravessam gerações. Por isso o discurso de cada época reflete épocas extintas historicamente, mas preservadas pela conserva cultural. Por revelar a visão de mundo em determinados momentos históricos, o estudo das mentalidades revela as mil e uma manifestações do mal-estar da cultura, entre os quais o “corporalismo”, podendo também contribuir para revelar a mudança dos sintomas de cada época e alguns dos seus fatores determinantes.